

SOBRE O CONCEITO DE NOÇÃO: A VISÃO ENUNCIATIVA DO SIGNO LINGUÍSTICO

Marcos Luiz Cumpri

(Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP - Araraquara)

marcoscumpri@yahoo.com.br

RESUMO: este artigo tem em seu cerne algumas explicações sobre o conceito da noção que, apesar de não ser um dado e não ser apreensível sem as ocorrências linguísticas, confunde-se com a própria concepção do signo linguístico. Assim, o texto tenta registrar que tratar da noção é tratar do alto grau das representações das ocorrências abstratas da língua, que dar minimamente conta de um estudo a propósito dos domínios nocionais é dar um grande salto nos estudos que foquem a complexidade da linguagem, e que lidar com noções é lidar com conceitos, não conceitos no sentido universalista do termo, mas no sentido de serem representações das atividades simbólicas das línguas naturais.

Palavras-chave: noção, domínio nocional, representação, linguagem.

INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se numa intenção de explorar o conceito de **noção**, um conceito linguístico de fundamental importância por tratar do signo linguístico num nível semântico mais profundo. Como ancoragem teórico-metodológica principal, temos a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli, a qual nos dará subsídios que vão desde os tipos de noção até os domínios nocionais. Culioli (1981), ao falar da noção, levanta pontos cruciais para os estudos acerca da significação, pois ao

propor uma teoria nocional, ele deixa clara sua insatisfação com as ciências do léxico por elas rejeitarem os ajustes, a metáfora e o senso de heterogeneidade na constituição e significação das palavras.

Na primeira parte, trazemos algumas definições de noção, sobretudo aquelas que a assumem como uma propriedade representacional das experiências físicas, culturais e mentais. Na segunda parte, visamos registrar que embora a noção não seja uma unidade lexical, ela é uma ocorrência das atividades mentais que é identificável no e pelo material linguístico. Na terceira, falamos do domínio nocional enquanto o campo dialógico das ocorrências das noções chamando, também, a atenção para os conceitos de centro atrator, fronteira, interior e exterior. Na quarta e última parte damos um exemplo simples de como as noções são organizadas, num determinado domínio, por meio da ocorrência de um verbo modalizador.

1 NOÇÃO: A REPRESENTAÇÃO

Já reconheceu Culioli (1976) a complexidade ao representarmos e, sobretudo, definirmos noções. Isso se dá, principalmente, pelo fato de tanto a noção, quanto sua representação não serem dadas. Por isso, seu intento de construir um sistema metalinguístico de representações que suporte a diversidade das línguas naturais, pois para ele as noções seriam os próprios sistemas de representações. Em suas palavras:

Complexos sistemas representacionais das propriedades físico-culturais. Ou seja, propriedades de objetos resultantes das manipulações necessariamente feitas dentro culturas e desse ponto de vista, examinar noções inevitavelmente implica falar de problemas da alçada de disciplinas que não podem ser reduzidas unicamente à linguística (CULIOLI, 1981, p.50).

Um conjunto que se pode expressar, como por exemplo: ler, leitura, livro, leitor, livraria, etc. O que significa que não podemos reduzi-lo a uma unidade lexical. A unidade lexical pode servir como um meio de entrada de dicionário, mas é só (CULIOLI, 1981, p. 53-54).

Decidimos chamar noção esse feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados (CULIOLI, 1999b, p.9).

De um lado, trata-se de uma forma de representação não linguística, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiência de cada pessoa. [...] De outro, trata-se da primeira etapa de uma representação metalinguística (CULIOLI, 1999b, p.8-9).

Logo, a noção pode assim ser descrita enquanto um conceito que se refere ao nível das representações mentais, isto é, ao nível das representações que não são acessíveis diretamente. Trata-se também de uma propriedade situada na articulação do linguístico (e porque não dizer metalinguístico) e do extralinguístico em um nível de representação híbrida. Assim, se diferenciarmos um cachorro de um lobo por meio da oposição do “viver em casas” versus “viver na florestas”, estaremos construindo uma noção.

O que está sendo enfatizado aqui é que cada termo, dentro de uma língua natural, refere-se a um número de propriedades físico-culturais não necessariamente universais que variam de uma cultura para outra, de uma matéria para outra. Isso fica mais evidente ainda no domínio das categorias gramaticais (gênero e número, por exemplo) no qual certas operações são encontradas em todas línguas por serem ou de ordem extralinguística ou por estarem associadas à linguagem.

De acordo com CULIOLI (1995) há 3 principais caminhos abertos pelos estudos feitos sobre a noção que provam a indissociável necessidade de seu estudo dentro das tendências linguísticas focadas na questão da enunciação:

(i) As palavras não representam noções, portanto, a noção não é expressa e tão pouco representada no nível lexical.

(ii) A existência de diferentes níveis de noção, fato este, que torna necessária a elaboração de um coerente aparato metalinguístico de suas representações, assim como

(iii) As relações entre as ocorrências e os tipos de noções.

Culioli, Fuchs e Pêcheux (1970) distinguem dois tipos básicos de noções. Um primeiro tipo que é representado pelas unidades lexicais e um segundo tipo representado por derivações construídas (uma nominalização, por exemplo). Distinção que colabora com a hipótese de que uma noção pode ser um simples morfema ou um sintagma que funciona dentro de uma relação estabelecida com outras noções, de forma que o funcionamento está estritamente estabelecido pelas condições da produção discursiva nas quais essas noções agem.

A noção emerge num contexto já previamente composto por representações onde as propriedades nocionais simplesmente determinam quais operações podem ser diretamente realizadas, logo:

Uma noção não tem quantidade nem qualidade, não é positiva nem negativa (para limitar nossa descrição de quantificação e modalidade), mas é compatível com todos os valores que as operações de determinação enunciativas e predicativas acarretam (CULIOLI, 1995, p. 33).

Se tomarmos, por exemplo, uma questão como: “Alguém abriu a janela?” estaremos vendo claramente demonstrados possíveis valores predicativos (positivo /

negativo por exemplo) sem que tenham sido dados tais valores (positivo / negativo) ao enunciado, pois nesse tipo de enunciado fica assertada a noção de um predicado (a qual não é nem positiva, nem negativa) mas que é compatível com qualquer um desses dois polos.

No domínio do léxico - pensando em termos de um campo semântico ao redor de uma base lexical (raiz) - há um conjunto de representações que variam conforme a língua, como é caso dos termos ler, leitor e leitura em português; evidência de que, independentemente da cultura, há um sistema de representação baseado em feixes de propriedades físico-culturais, ora de ordem física (portanto, filtrados pelas culturas), ora de ordem cultural, (portanto, filtrados pela realidade).

Quando examinamos um termo, sempre somos amparados por um conjunto de associações que permitirá um número determinado de construções. Logo, o termo analisado jamais tem total liberdade de movimento; são os seus diferentes graus de restrição e liberdade que permitem e proporcionam diferentes construções de enunciados. Por exemplo, quando nos remetemos ao termo **molhado**, imediatamente o associamos a pressuposições culturais, a cadeias de causalidade e de valoração (indiferente, bom, ruim) que adicionam um ponto de vista subjetivo.

Temos aí um sistema real de representações que se estrutura de acordo com critérios estáveis, que são definidos por Culioli (1995) como o nível lexical, isso é, as palavras são um tipo de sumário desses sistemas nocionais de representação e esses sistemas são espécies de coletores, pois com uma única palavra pode se referir a uma noção e essa palavra tem a capacidade de evocar toda a noção, mas não por meio de uma relação simétrica, haja vista que uma noção só estará parcialmente contida numa palavra sem que se estabeleça uma relação de termo a termo. Em suma: sempre é

possível ter-se um sistema baseado na palavra, mas tal palavra não é capaz de assegurar tal sistema.

2 AS NOÇÕES E AS PALAVRAS

As noções apesar de serem percebidas por meio de palavras, não são equivalentes ao conjunto lexical de uma dada língua. O problema que se instaura aqui é o de procurar propriedades gerais e estáveis a partir do estudo de fenômenos observáveis em conjuntos lexicais das línguas naturais. Na verdade, o que estamos falando é de uma estrutura de um sistema organizado de propriedades físico-culturais que não é generalizável, mas que tem propriedades generalizáveis. Algo semelhante com o que ocorre com a gramática, pois se estudamos noções gramaticais como geradoras de categorias, também estamos lidando com um dado generalizável.

Para Culioli (1995), cabe à linguística se preocupar com as propriedades e relações que envolvem as noções, além de buscá-las no campo das ocorrências por meio do comportamento verbalizado da atividade cognitiva cujo material é a língua e, necessariamente, o texto e a palavra. Logo, se a emergência de palavras e de expressões discursivas expressam o pensamento humano, são justamente as ocorrências de noções que proporcionam o estabelecimento da comunicação. São as palavras e os textos que nos dão acesso às noções, embora, como já dissemos antes, não há qualquer equivalência entre palavra e noção. Aliás, essa é um grande característica das noções: a falta de equivalência entre elas e as significações que as representam.

Teoricamente é correto afirmar que há ocorrências (empíricas) pertencentes ao universo fenomenológico que só são ocorrências justamente por serem as ocorrências de uma noção parcialmente construída. Se pensarmos na fala de uma criança,

perceberemos que mesmo antes do da verbalização ela sabe como fazer várias coisas (por exemplo, cortar um pedaço de papel mesmo antes de ser capaz de dizer: “veja como eu sei cortar esse pedaço de papel”). Assim, todo ato pode representar algo independentemente da verbalização, visto que o ato pode representar a si próprio.

Portanto, podemos dizer que: “as ocorrências de uma noção são dispersas no sentido que elas são representações ao mesmo tempo que representam uma dispersão desde que cada uma das ocorrências tenha propriedades próprias”. (CULIOLI, 1995, p.42).

Ainda nesse contexto, Culioli (1995) considera os seguintes tipos de noção:, o protótipo, o arquétipo e o estereótipo.

Na atividade simbólica da espécie humana, a construção do protótipo parece ser fundamental e inato, principalmente se consideramos que a origem do termo “proto” refere-se àquilo que é primeiro, primordial, logo, grande parte da atividade cognitiva humana é encontrada na capacidade de saber como isolar as propriedades pertinentes que capacitam o homem a comparar eventos (aparentemente não relacionados) a tipos, fato que nos permite construir representações abstratas (as quais são representativamente) separadas da realidade. Já os arquétipos seriam tipos primitivos que se encontram nos seres humanos e são associados a problemas metafísicos, enquanto que os estereótipos seriam tipos que têm sido constantemente alterados por causa do preconceito originando em cultura.

Assim, Culioli (1987a) deixa demonstrado que toda noção supõe uma sequência de determinações e que há duas principais formas de referenciação, as quais caracterizam a noção: a primeira é uma ramificação resultante de relações internacionais criadas pelos enunciadores e a segunda refere-se às propriedades físicas,

culturais e antropológicas interrelacionadas de forma a se referirem à multiplicidade de virtualidades, isto é, a um “domínio nocional”.

3 OS DOMÍNIOS NOCIONAIS

Em linhas gerais, os domínios nocionais são constituídos por ocorrências abstratas de uma noção, sendo que cada ocorrência possível e imaginável é intercambiável e identificável com outra ocorrência qualitativamente identificável. Vale lembrar que embora as ocorrências sejam identificáveis umas com as outras, elas não são idênticas, pois mesmo sendo todos os seres humanos capazes de classificar e tipificar, não significa que classificação e tipificação serão feitas por todos os membros humanos de uma determinada comunidade.

Para Culioli (1995), o objetivo das operações que constroem uma classe de ocorrências é o de criar fenômenos quantificáveis e processá-los de forma que possam ser reduzidos a eventos, isto é, de forma que eles possam ser representáveis ao mesmo tempo em que realizarem uma operação de qualificação. Exemplificando, se tomarmos uma unidade lexical como **trigo**, poderemos fazer associações do tipo: um tufo de trigo, um grão de trigo, uma rama de trigo, etc. Teremos então tipos e variedades de trigo.

Ao verificarmos as relações existentes entre designação e representação (no que se refere à representação nocional e à construção de um domínio nocional centrado) seremos levados a levantar duas hipóteses. Uma associada a questões institucionais e à designação por si só (exemplo: o uso do termo professor em construções como “para ser professor...”, “ele só tem aparência de professor”, ele só tem o título de professor”) e outra que carrega determinadas funções (exemplo: “ele é o que eu chamo de um verdadeiro professor”, “ele é todo professor”).

Ainda nesse assunto, a primeira hipótese levantada pode derivar uma situação do tipo “ele não é um verdadeiro professor”, por meio da qual construímos uma representação da noção “ser professor” e então selecionamos uma ocorrência empiricamente situada em relação a dados sujeitos numa dada situação espaço-temporal sem que haja equivalência entre a ideia de um sujeito e a ideia geral construída; já na segunda hipótese, a designação põe o valor essencial, isto é, a característica central em evidência. E ao designar, estaremos predicando uma noção centrada.

Culioli (1995) aborda a problemática da arbitrariedade do signo linguístico por meio de um predicado como “Ele é o que se costuma chamar de professor”, pois o consenso (o qual fica explícito, no português por meio da partícula *se*) não garante que ser um professor é ser alguém como **ele**, isto é, a designação não necessariamente implica uma equivalência essencial. Logo, a única exigência é a de que a concordância seja designada por um certo nome, mas por outro lado, há a noção cuja designação é equivalente àquilo que ela designa. Trata-se de um movimento perpétuo e inevitável.

Quando falamos em domínio, devemos ter em mente que esse deva ser necessariamente centrado, pois ele, indubitavelmente, contém uma ocorrência com um estatuto privilegiado que serve como seu centro atrator (organizador).

Um centro atrator (doravante, CA) refere-se a algo que provem de ocorrências fenomenológicas e que são comparadas a um tipo que é o predicado por excelência e quase sempre representa um arquétipo platônicoⁱ. Logo, quando usamos um termo para designar algo, nós certamente o centramos ao relacioná-lo a um valor considerado prototípico e tipificado.

De certa forma, podemos dizer que o CA é inerente à nossa atividade mental por todos precisarmos fazer constantes comparações a um centroⁱⁱ (tipo). E no que se refere ao domínio nocional, todas as ocorrências são comparadas a um CA de forma que

podemos chamá-las de intercambiáveis, qualitativamente indistinguíveis ou qualitativamente diferentes ou comparáveis.

Ainda para Culioli (1995) toda noção pressupõe uma tríade esquemática composta por um interior (I), um exterior (E) e uma fronteira (F). O Interior é aquilo que é construído ao redor do CA e que além de ser aberto, contem ocorrências identificáveis com o CA ou o tipo. O Exterior é o que anula, esvazia o Interior e é o que contem um possível centro no qual lidamos com antônimos tipificados, (por exemplo: baixo / alto , grande / pequeno). Já a Fronteira é sempre um campo vazio, não há termo que pertença a ele; por exemplo, quando alguém diz algo do tipo: “eu não tenho a menor ideia”, fica evidente que todas as possibilidades de haver qualquer indício da mais ínfima ideia foram esgotadas.

Utilizando as próprias palavras de Culioli (1995, p.54) , inferimos que:

Por um lado, nós temos um centro atrator e então, por meio da diferenciação, identificação e alteração, construímos uma rede que contem *nem tudo* ou *em parte*, a qual nos habilita trilhar pelo lado **I** (Interior), pelo lado **E** (Exterior), e pelo lado **F** (Fronteira). Assim, encontraremos por exemplo: **IFE**, **IF** em relação a **E**, **I** em relação a **FE**, **F** e **IE** vazios. Então há propriedades associadas com noções que processamos. Trabalhar com a relação ausente / presente não é o mesmo que trabalhar com a relação cru / cozido. Nós sabemos o que é carne crua, mas nós não sabemos quando ela está cozida!

Por meio da observação de que o aparente antônimo cru / cozido é falso, pela ausência de reversibilidade (visto que não se pode “descozinhar” algo), podemos verificar que propor a representação que percorresse todas ocorrências possíveis e imagináveis de noções das categorias gramaticais é algo impossível.

Para Vignaux (1995), o que permite diferenciar ou relacionar as propriedades que concernem à noção é o fato de que elas são emprestadas ora da cultura, ora do senso

comum, ora da experiência de mundo. E os domínios são os caracterizadores dos objetos e dos fenômenos do mundo real. Sendo assim, o linguista propõe duas questões a esse respeito. São elas:

1. Como distinguir essas categorizações mentais que vão remeter ao mundo físico, cultural, ou ao antropológico, desses modos de categorização que a linguística ou a lógica nos habituou a descrever?

2. Como avaliar as estruturações, quer dizer, as constituições desses domínios nocionais no acaso das modulações enunciativas?

E para respondê-las, recorremos a Culioli (1978/1979) que afirma que defrontar-se com o problema da noção é encontrar, de um lado, os feixes de propriedades físico-culturais ou propriedades do objeto (de organização) e, por outro, o problema de construção de um complementar (por meio das marcas de asserção, negação, interrogação, etc). E desse modo voltar ao problema do predicado, quer dizer, de qualquer modo trata-se de trabalhar tomando como ponto de partida uma relação predicativa não saturada (p, p') que somente ela permitirá apreender o domínio nocional.

Nesse sentido, as propriedades que regem os domínios sairão de diversas categorias. Alguns desses domínios que constituem as categorias nocionais seriam a noção semântica (ser cachorro, ser líquido), a noção gramatical (aspectualidade, modalidade) e a noção quantitativa/qualitativa (avaliação do grau de intensidade)

Vejamos, por fim, o que Culioli (1990, p.52-3) diz

[...] trata-se de poder lidar com o que se costuma chamar tradicionalmente de *lexema ou semantema de um modo operatório*, quer dizer, coloca-se de início a hipótese de que há propriedades constitutivas, regras de construção de um domínio nocional, que vão se encontrar de qualquer modo. Essa hipótese poderia se revelar muito forte, mas até o presente, revelou-se adaptada e o desafio é bastante

importante porque isso permite religar problemas de determinação a operações consideradas à parte, como a modalidade e a aspectualidade.

4 UM EXEMPLO DE CONSTRUÇÃO DO DOMÍNIO NOCIONAL POR MEIO DA MODALIDADE

Tendo em mente que a modalidade, sobretudo em línguas como a língua inglesa, é um fenômeno linguístico que atribui ao verbo sentidos diversos e ajustáveis aos diferentes contextos enunciativos (entre eles a asserção, a injunção, a negação e a interrogação) levantaremos, nesse item, algumas observações associadas à noção e à modalidade, expressa pelo verbo modal *can* (poder em português).

Observando, primeiramente, um predicado como “X could have left the window open” (X poderia ter deixado a janela aberta) em relação a um predicado do tipo “X left the window open” (X deixou a janela aberta), podemos construir um domínio nocional que é a relação entre <X> e <deixar a janela aberta> e, também, dar alguns valores a essa predicção. Valores do tipo: “X a deixou meio aberta”, “X não a fechou bem”, “X não a deixou aberta”.

Numa primeira instância, a asserção positiva “X left the window open” quer dizer que o falante, enquanto um enunciador, ressalta a ideia de que foi X quem realmente realizou o evento, restando assim, apenas uma verdade, a qual, elimina todas as outras possibilidades.

O período “X could have left...” (X poderia ter deixado) pode ser lido de duas formas diferentes: uma primeira que indica que X poderia ter deixado a janela aberta mas não deixou e, assim, ela não ficou aberta e uma segunda que indica que poderia ter sido X a deixar a janela aberta, mas na realidade quem fez isso foi outra pessoa que não X.

Percebemos, assim, que o modal *can* (*could* no passado) indica a possibilidade de existência de um valor que valida a relação que nós estabelecemos com a situação e, por assim dizer, constitui uma operação desprovida de um centro e que necessita ser centrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o exposto, podemos fazer, pelo menos, três verificações:

A primeira é a de que uma noção é definida sempre que ela permitir a criação de um domínio de sentido e referência e que só será operatória na atividade linguagística na medida em que ela (a noção) legitimar relações de predicação, as quais construirão esse domínio.

A segunda é a de que as ocorrências linguagísticas, no tocante a um domínio, é, ao mesmo tempo, forma de manipulação e trabalho sobre a representação intracultural desse domínio, fato esse que implica na maneira como ele é construído, criando-se a necessidade de diferenciar ocorrências linguísticas de ocorrências fenomenológicasⁱⁱⁱ.

Já a terceira é a de que a situação linguagística remete a algo que seria, um enraizamento de procedimentos linguísticos no interior de estruturas cognitivas, isto é, ações sobre nossas representações dos conhecimentos. E essas representações impõem restrições do funcionamento linguagístico.

Culioli (1995) resume a manipulação dos conhecimentos nos atos de linguagem de duas formas. Uma primeira forma que seria a da estabilidade, a qual se refere às regularidades de ajustes entre locutores e entre enunciados proporcionando que cada sujeito se encontre, compreenda e comunique. E uma segunda que seria a deformidade, a qual atribui à atividade linguagística determinados jogos de deformação que são

modificações permanentes dos domínios de significado, de opiniões ou de concepções aparentemente estabilizados.

Por fim, deixaremos aqui uma citação que reflete bem o que está no âmago do domínio nocional e que, assim, encerra toda a ideologia que tentamos colocar nesse texto:

O domínio nocional evoca a idéia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de *centro* do domínio, que será o alto grau da noção. (REZENDE, 2000, p. 104)

ABSTRACT: this article has in its center some explanations about the concept of notion. Despite of notion not being a given and not be apprehended without linguistic occurrences, it is mixed up with the conception of the linguistic signal. Thus, the text tries to register: handling the notion is to deal with the high level of representations of abstract occurrences of language, being able to do a study about notional domains is to go deep into studies focused on the complexity of the language and dealing with notions is dealing with concepts, not in the universal meaning of the term, but in the sense of being symbolic representations of the activities of natural languages.

Keywords: notion, notional domain, representation, Language.

REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. , FUCHS, C., PECHEUX, M. Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage. *Documents de linguistique quantitative*, n. 7, Centre de linguistique quantitative de la faculté des sciences de l'Université de Paris, 1970.

CULIOLI, A. *Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976*. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976.

———. Lecture notes. Paris: Département de recherches linguistiques de Université de Paris VII, 1978/1979.

———. Sur le concept de notion. *Bulletin de Linguistique Appliquée et Générale*, n. 8, p. 62–79, 1981.

———. Formes schématiques et domaine. *Bulletin de Linguistique Appliquée et Générale*, 13, 1987a.

———. *Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, v. 1, 1990.

———. *Cognition and representation in linguistic theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

———. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, v.3, 1999b.

REZENDE, L. M.. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In: BOUSCAREN, J.;

FRANCKEL, J.-J.; ROBERT, S. (Eds.), *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 565–582, 1995.

ⁱ O arquétipo platônico é a ideia que o ser humano tem da coisa em si, seja um objeto, uma pessoa, um sentimento. Logo, a coisa em si é a imagem desse arquétipo, considerando que, para a filosofia, todo o arquétipo é sempre uma abstração.

ⁱⁱ Para Culioli (1995), falar em centro é falar do mínimo daquilo em que os interlocutores concordam (mínimo senso comum) e, também, do produto de interação homem - meio ambiente e homem-homem (relação pragmática). Centrar algo é ligar esse algo às nossas práticas sociais e assim estabelecer divisões, como por exemplo, bom / mau.

ⁱⁱⁱ As ocorrências fenomenológicas são sempre tributárias das formas e das modalidades de nossas aprendizagens do mundo, mas essas modalidades serão ponderadas de modo diferente, segundo as culturas.